

“Sociedade percebeu o esgotamento do Estado”

GAZETA MERCANTIL

por Nora Gonzalez
de São Paulo

Nos próximos anos, a reação da sociedade contra a ineficiência do Estado, a corrupção e o paternalismo governamental deverão se consolidar num processo sem volta. “As pessoas perceberam o esgotamento do Estado, e preferem, em primeiro lugar, um emprego numa multinacional, em segundo numa empresa nacional privada e, como última opção, no serviço público”. Essa tese foi desenvolvida pelo ex-ministro Mailson da Nóbrega no livro “Ouvindo o Brasil”, lançado pela editora Sumaré com o patrocínio do Instituto Roberto Simonsen e co-autoria de outros oito escritores.

Segundo o ex-ministro, o processo não tem volta e poderá ser a alavanca para as mudanças que hoje o governo está implementando. “A política econômica está na direção correta e os acordos internacionais foram positivos, dentro das possibilidades”, acredita.

Outro autor do livro, o cientista político Bolívar Lamounier, defendeu a iniciativa do governo de combater os oligopólios. “Essa medida também é comum em outros países”, justificou. Já o empresário José Mindlin acredita que a hora seja de conversação. “O momento não é de procurar culpados. A situação é complicada e cada um deve ceder um pouco”.

CÂMARAS

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mario Amato, disse ontem



Mailson da Nóbrega

que vai nomear uma comissão para apresentar, até o final desta semana, uma proposta ao governador de São Paulo, Luis Antônio Fleury Filho, para um acordo sobre a criação das câmaras setoriais. Para Emerson Kapaz, empresário que concorre à presidência da FIESP, o problema agora é diplomático, depois que Amato se recusou a assinar o documento de criação das câmaras, na semana retrasada. “Faltou uma consulta às bases desde o início. Não adianta ouvir os sindicatos um dia antes, sabendo que eles não queriam cláusulas como controle de preços”.

Segundo Jacy Mendonça, presidente da Anfavea, a associação das montadoras, acusadas de aumentarem excessivamente os preços nos últimos meses, “não é abuso de poder econômico praticar preços livres num mercado livre e ainda ter prejuízo”.